

OS MÚSICOS DE BREMEN: DA LEITURA PRAZEROSA AO LIVRO DIDÁTICO

FEITOSA, Maria Inês de Melo
(Rede Pública Municipal de Ensino)
MELO, Rafael José de
(UFPB)

Resumo

Com este trabalho pretendemos discutir os resultados e reflexões sobre uma leitura, realizada no presente ano, em duas turmas, do conto *Os Músicos de Bremen*, dos Irmãos Grimm, tradução de Monteiro Lobato (2002), turnos manhã e tarde, do Ensino Fundamental I, 2º ano, numa Escola da Rede Pública de Ensino da cidade de Sumé – PB. A proposta de leitura foi realizada em dois momentos: a leitura integral do conto por prazer e pelo objeto estético da obra e a aplicação da proposta de trabalho sugerida pelo livro didático adotado pela escola, **Projeto Prosa Letramento e Alfabetização** (2011). Este relato de experiência foi realizado sob a luz da Estética da Recepção, Jauss (1994) e Iser (1992), e seguiu as diretrizes do Método Recepcional postulado por Aguiar e Bordini (1993).

Palavras-chave: Conto. Os Músicos de Bremen. Leitura.

Introdução

O relato da experiência de leitura, aqui apresentado, com o conto *Os músicos de Bremen*, tradução de Monteiro Lobato (2002), em duas turmas do 2º Ano do Ensino Fundamental I na Rede de Ensino Municipal de Sumé – PB mostra, dentre outros aspectos, o caráter aberto, plurissignificativo, múltiplo e inacabado do texto literário. A escolha de duas turmas da mesma série e da mesma escola foi devido ao fato de que em uma das turmas o público predominante reside na área urbana, enquanto que na outra há uma mistura de alunos oriundos da zona urbana e rural. Diante disto, o objetivo principal foi observar e registrar a recepção do conto por esses dois públicos que apresentam realidades sociais “diferentes” a partir de uma leitura oral e pontuada conforme as inflexões da voz e dos gestos necessários à representação de cada personagem. O objetivo secundário foi aplicar, após a leitura por prazer, a proposta de trabalho sugerida pelo livro didático **Projeto Prosa Letramento e**

Alfabetização (2011). Quanto ao registro e a coleta dos dados, além do nosso relato pessoal, foram feitas filmagens para capturar tanto a recontação do conto por alguns alunos quanto à dramatização realizada por outros. Uns participantes preferiram desenhar as partes da história que mais lhes foram marcantes, tanto aquelas que gostaram quanto as que não gostaram.

1 Perfil dos alunos

A turma da manhã é o **Segundo Ano A**, composta por dezoito alunos, dez do sexo masculino e oito do feminino. Tem alunos da zona urbana e rural. Exceto um aluno com oito anos de idade, os demais têm sete. Eles moram com os pais, irmão e/ou irmã e não têm o hábito de ler ou de ouvir alguém lendo ou contando histórias. Apenas uma discente, doravante **ALUNA A**¹, não gostou da história do conto e não quis explicar o porquê naquele momento. **O Segundo Ano B**, turno da tarde, tem treze alunos, dos quais sete são meninos e seis são meninas. A faixa etária vai de sete a oito anos. Excetuando-se dois alunos, os demais moram com avós ou bisavôs, um e outro irmão/irmã e/ou tio/tia. É uma turma que tem o hábito de ouvir os avós contarem histórias de trancoso, botijas e, sobretudo, das experiências de vida deles.

2 Do conto e da leitura na sala de aula

Um conto quando lido em sala de aula é capaz de aguçar a sensibilidade e a fantasia do leitor infantil, despertar o prazer pela leitura literária e provocar a identificação entre leitor/ouvinte e os personagens ou situações narradas, objeto estético da obra. Os *Músicos de Bremen*, escrito pelos irmãos Grimm, é uma história circunscrita no grupo dos contos de fadas ou maravilhosos, coletados de histórias populares, nascidos na Europa (Charles Perrault – na França, século XVII – e irmãos Grimm – Alemanha, século XIX). Nele estão presentes valores como a confiança, a união e a solidariedade, bem como a supremacia do bem sobre a maldade. Há todo um universo lúdico em torno do desejo dos animais (o burro, o cachorro, o gato e o galo) de continuarem vivos e distantes de seus donos e formarem uma banda de músicos na cidade de Bremen – local real/imaginário. Com isto, forma-se um jogo de

¹ Frisamos que os nomes dos alunos não são revelados para garantir seus anonimatos.

situações que envolvem o leitor/ouvinte na trama, prendendo-lhe a atenção e cada vez mais o levando a adentrar nos acontecimentos narrados, o que provoca um encantamento para o público infantil. Por este caminho, a leitura de *Os Músicos de Bremen*, realizada por nós nas duas turmas do Segundo Ano, foi um processo cuja complexidade envolveu a compreensão de mundo dos alunos, conforme seus horizontes de expectativas, associada à capacidade simbólica e à interação com o outro, mediada pela palavra oral. Na turma do **Segundo Ano A**, no momento da leitura houve um silêncio geral. Os alunos desta turma perceberam o conto pelo aspecto do abandono e do sofrimento dos animais porque estes estavam na velhice, situação próxima ao contexto sócio-familiar deles: a maioria mora com os pais e alguns destes são separados. Entretanto, no **Segundo Ano B** à medida que líamos para os discentes eles iam reproduzindo os trejeitos e as “falas” dos personagens e interagiam com a história lida. A Turma recebeu a obra pelo lado lúdico e da leitura gratuita. Houve, grosso modo, a concretização de uma leitura num nível manifesto, o superficial, na **Turma B**, pelos caminhos de uma cadeia significante articulada pelo jogo das imagens dos personagens provocadas nos alunos. Cada turma percebeu a obra de acordo com suas experiências de vida. Na **Turma A**, é possível dizer que a recepção ocorreu pelos meandros de uma percepção no nível latente do conto, profundo, no qual os significados da história foram descobertos pelos alunos e correlacionados à suas vidas. Os leitores/ouvintes de ambas as turmas concretizaram o conto a partir da possibilidade de poderem escolher sua própria trilha de leitura, assumindo uma posição de um leitor ativo diante da obra. *Os Músicos de Bremen*, portanto, no momento em que foi lido, provocaram efeitos nos alunos, por isto ter sido interpretado de diferentes maneiras.

3 Relato de Experiência²: etapas e procedimentos

3.1 Os Músicos de Bremen nos Segundos Anos A e B

O momento inicial da experiência de leitura foi saber dos alunos que contos infantis eles conheciam ou tinham ouvido falar: *Rapunzel*, *Chapeuzinho Vermelho*, *João e o Pé de Feijão*, *A Bela Adormecida* e outros, foram as respostas fornecidas por eles. Depois de listados na lousa seguiu-se a aula com estes questionamentos: “Quem conhece ou já ouviu falar

² São transcritas, aqui, as falas mais significativas das reações dos alunos.

dos *Músicos de Bremen*? O que é músico? O que é Bremen?” Nenhuma resposta positiva foi obtida. Tão logo foi iniciada a leitura, alguns alunos enquanto ouviam o conto foram tentando imitar os animais. A partir dessa reação da turma, no final da leitura, indagamos: “GOSTARAM DA HISTÓRIA? POR QUÊ?”

Aluno B1³: "Sim, porque é engraçada e porque eles (animais) dormiram".

Aluno B2: "Sim, porque os personagens acabaram com os ladrões. Eles cantaram".

Aluna B1: "Sim, porque os personagens estão morando em uma casa, e o galo e o gato subiram na árvore".

Aluno B3: "Sim, porque os personagens comeram a comida dos ladrões".

Aluno B4: "Porque o burro e o cachorro ficaram em baixo da árvore e porque os personagens colocaram os bandidos pra correr e eles dormiram na floresta".

Aluna B5: "Sim, porque os animais subiu um no outro e cantaram".

Aluno B5: "Sim, porque o burro ajudou o cachorro".

Professora: "QUAL FOI A PARTE DA HISTÓRIA QUE VOCÊ MAIS GOSTOU? EXPLIQUE?"

Aluna A1: "Gostei dos personagens, da pisa que os animais deram nos ladrões".

Aluno A2: "O jumento, porque deu uma pisa no ladrão".

Aluno A3: "Os animais, porque deram uma bronca no general dos ladrões".

Aluno A4: "O gato, porque ficou no fogão e arranhou o ladrão".

Aluna A5: "O galo, porque cantou cocoricó e o ladrão entendeu outra coisa".

Os alunos do **Segundo Ano A** quiseram reproduzir em forma de desenhos a passagem do conto que mais gostaram. Aqueles que haviam imitado os personagens se propuseram de imediato a fazer uma dramatização. Ambas as iniciativas foram deles. Depois dos debates, a aula foi conduzida por estes caminhos lúdicos. Prosseguimos com as seguintes indagações:

Professora: “TEVE ALGUMA PARTE NA HISTÓRIA QUE VOCÊ NÃO GOSTOU? POR QUÊ?”

Aluna B1: “Sim, porque os donos dos animais queriam matá-los e não deve maltratar os animais”.

Aluno B1: “Sim, porque o homem queria matar o burro e ia ficar com a pele dele”.

Aluna B2: “Sim, a parte do burro, porque o burro estava velho e não deve matar os velhos”.

Professora: "SE VOCÊ FOSSE O(A) DONO(A) DO BURRO O QUE VOCÊ FARIA?"

Aluno A1: “Que se fosse o dono do burro deixava ele ir embora mais não matava”.

Aluna A1: “Não matava deixaria no canto que ele estava dele”.

Aluno B7: "Dava comida ao burro".

Aluno B8: "Cuidava do burro".

Aluno B9: "Deixava descansar".

Aluna B7: "Cuidava e não colocava mais ele pra trabalhar".

Aluna B8: "Soltava ele e deixava ele fugir".

Aluna B10: "Dava carinho".

Professora: "SE VOCÊ FOSSE O(A) DONO (A) CACHORRO O QUE VOCÊ FARIA?"

³ Doravante os alunos de cada turma serão denominados de **Aluno(a) A (1, 2, 3...)** para os discentes do **Segundo Ano A** e **Aluno(a) B (1, 2, 3...)** para os discentes do **Segundo Ano B**.

Aluna A2: “Eu ia deixar ele solto, mais não batia nele”.

Aluno A2: “Eu pegava o cachorrinho segurava e alimentava e cuidava e dava muitos carinhos”.

Aluno B8 e Aluna B8: "Cuidava"; "Dava comida".

Aluna B7: "Dava carinho".

Aluna B8: "Dava amor".

Aluna B10: "Dava carinho, brincava e passeava com ele".

Professora: "SE VOCÊ FOSSE O(A) DONO(A) DO GATO O QUE VOCÊ FARIA?"

Aluna A3: “Não afogaria na lagoa porque não pode maltratar os animais”.

Aluna A4: “Não afogaria ele na lagoa, porque não deve maltratar os animais”.

Aluno A2: “Dava milho e um monte de carinho”.

Aluno B7: "Dava banho nele".

Aluno B8: "Fazia carinho, passeava e brincava".

Aluna B7 e Aluna 10: "Dava carinho".

Aluna B8: "Dava amor".

Aluno B10: "Dava comida".

Aluno B9: "Cuidava dele".

Professora: "SE VOCÊ FOSSE O(A) DONO(A) DO GALO O QUE VOCÊ FARIA?"

Aluna A4: “Não matava porque não deve matar para cozinhar magro tem que deixar engordar um pouquinho para comer”.

Professora: “COMO VOCÊ SABE QUE O GALO ESTAVA MAGRO?”

Aluna A4: “Porque ele estava velho”.

Professora: “E O VELHO FICA MAGRO?”

Aluna A4: “Sim”.

Aluna A5: “Não, que a minha vó é velha mais não é magra”.

Aluna A4: “Mais tem velho magro”.

Aluna A5: “Tia porque o dono do burro queria matar ele e ficar com a pele”.

Professora: “E A CARNE ELE IA FAZER O QUE COM ELA?”

Aluno A6: “Jogar no mato que não come carne de burro”.

Aluna A5: “E não pode maltratar os animais”.

Aluno A3: “Mais mata galo e come e porque não come o burro?”.

Aluna A3: “Porque é pecado”.

Professora: “E PORQUE NÃO É PECADO MATAR O GALO E COMER?”

Aluna A1: “Porque galo se come”.

Aluna B7: "Não matava, deixava ele viver".

Aluna B10 Aluna 9: "Cuidava".

Aluno B8: "Alimentava".

Aluna B8 e Aluno B7: "Dava comida".

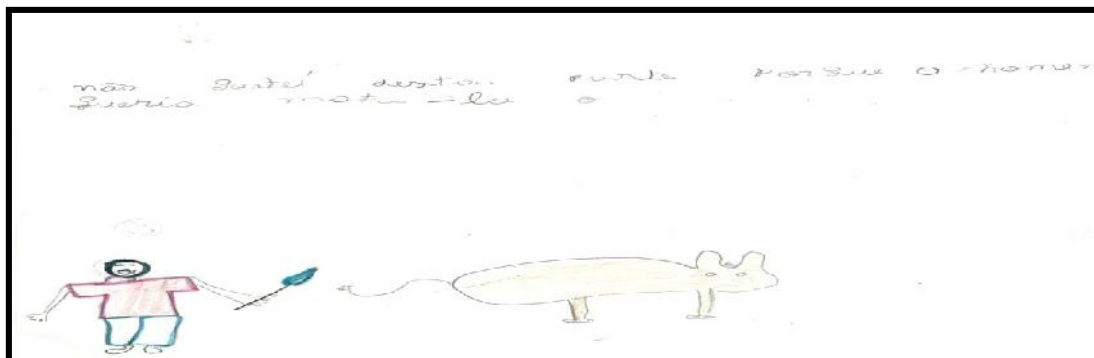
Podemos observar nas falas transcritas que o conto provoca um determinado efeito sobre os leitores/ouvintes no momento em que é “consumido” por eles. O efeito é

determinado pela obra literária e equivale “à reação motivada pelo texto no leitor”. A recepção, portanto, depende do leitor ao agir livre e ativamente no momento em que confronta as situações vividas pelos personagens com as suas experiências de vida. Segundo Zilberman (1989, p. 54), a experiência estética é capaz de propiciar no sujeito uma emancipação por que

liberta o ser humano dos constrangimentos e da rotina cotidiana; estabelece uma distância entre ele e a realidade convertida em espetáculo; pode preceder a experiência, implicando então a incorporação de novas normas, fundamentais para a atuação na e compreensão da vida prática; e, enfim é concomitantemente antecipação utópica, quando projeta vivências futuras, e reconhecimento retrospectivo, ao preservar o passado e permitir a redescoberta de acontecimentos enterrados.

Notemos que a maioria dos alunos se opõe à idéia de matar os animais por estarem na velhice. Os educandos os tratariam com carinhos, afetos, cuidados, bons tratos e alimentação. Tudo indica que para eles, estas seriam as formas de “recompensar” os animais pelos “maus-tratos” que vinham sofrendo, provocados por seus donos. Quanto aos desenhos, os alunos representaram através de imagens o que lhes marcou. Vejamos no **Segundo Ano A** três desenhos que representam as partes do conto que os alunos não gostaram:

Figura 01 – O burro e seu dono



Fonte: Autoria de uma aluna de oito anos⁴.

⁴ Todos os desenhos apresentados neste trabalho foram feitos em sala de aula pelos alunos a partir de sua imaginação e sob nossa orientação.

Figura 02 – O gato e sua dona



Fonte: Autoria de uma aluna de sete anos.

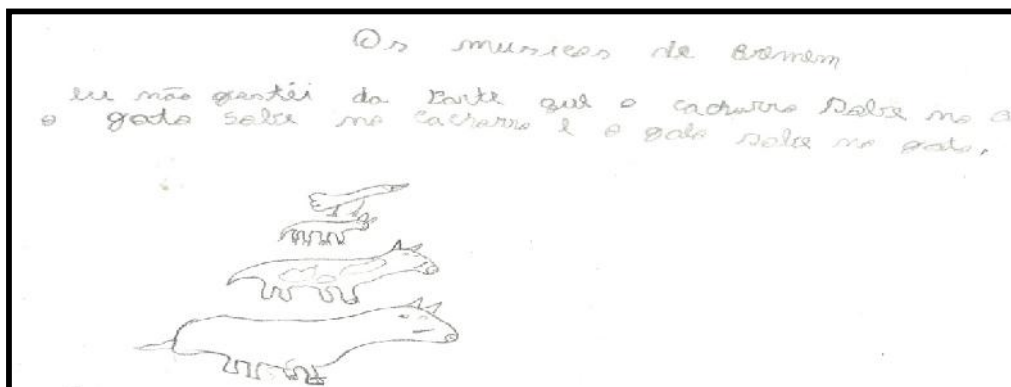
Figura 03 – A bruxa e o gato



Fonte: Autoria de um aluno de sete anos.

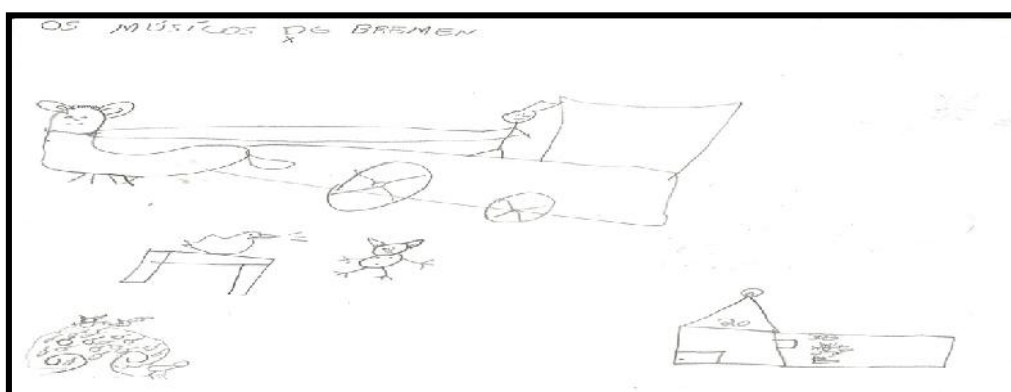
O trágico para os alunos, ou a figura da morte, parece ser tão ruim que não basta apenas desenhar a parte da história que mais causou horror, mas também é preciso expressar em palavras, reafirmar, Figuras 01 e 02, ou chamar atenção, Figura 03, através do colorido e de uma metáfora de uma bruxa moderna ao representar a dona do gato. Esta metáfora pode ter sido construída a partir da referência do elemento textual “vassoura” que aparece na narrativa na voz do narrador, na passagem referente ao gato. Notemos que são desenhos com traços simples e com poucos elementos compondo o cenário. Já no **Segundo Ano B**, a ambientação da cena aparece com mais detalhes:

Figura 04 – Animais em coro



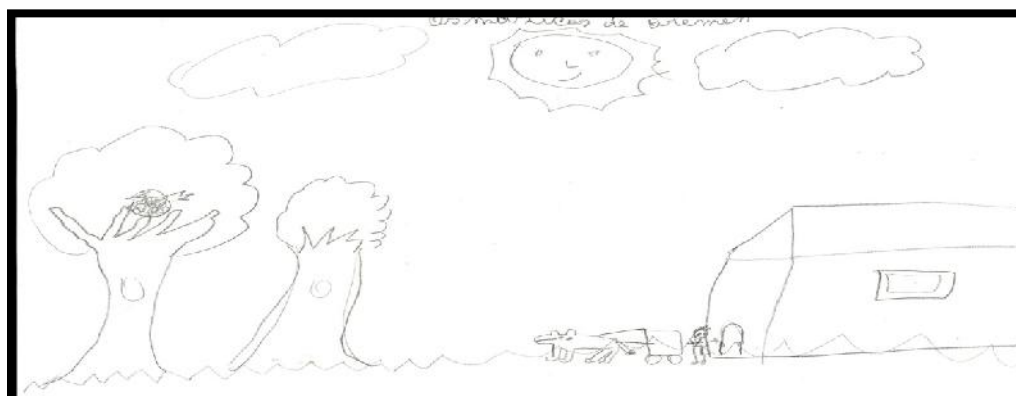
Fonte: A autoria de uma aluna de sete anos

Figura 05 – O burro trabalha e o galo canta



Fonte: A autoria de uma aluna de sete anos.

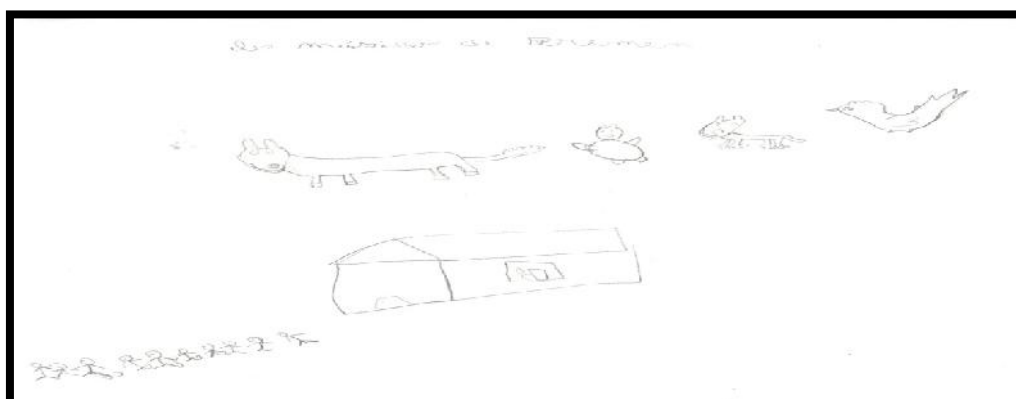
Figura 06 – O burro trabalha na carroça



Fonte: A autoria de uma aluna de sete anos.

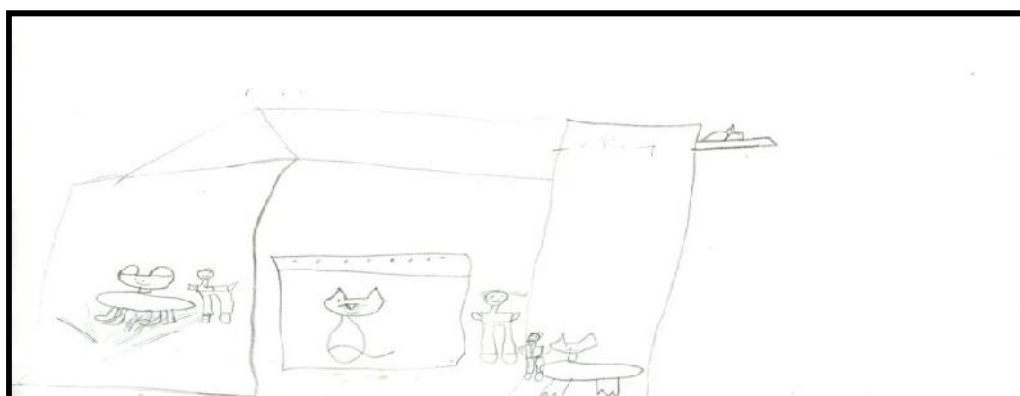
Segundo a produtora do desenho da Figura 04, ela não gostou desta parte da narrativa porque os animais, quando se uniram, fizeram muito barulho. A aluna que fez o desenho da Figura 05 nos afirmou: “não gostei dessa parte porque o galo cantava fazeno zuada e o burro carregava a carroça”. Na Figura 06 há um cenário com árvores, matos, uma casa, o sol e nuvens e a aluna nos afirmou: “não gostei desta parte porque o dono do burro butava ele pra trabalhar, o dono do burro estava maltratando o burro”. Nos desenhos que representam as partes que mais foram atrativas e provocaram os efeitos da *katharsis* – ocorre quando o leitor, além de sentir prazer, é motivado à ação e é convidado a participar do que lê, de modo a acontecer uma identificação –, conforme o pensamento de Jauss (1994), o cenário é bem mais elaborado. Observemos no **Segundo Ano B**:

Figura 07 – Animais e ladrões



Fonte: A autoria de uma aluna de sete anos.

Figura 08 – Animais na casa



Fonte: A autoria de uma aluna de sete anos.

Figura 09 – Animais na árvore



Fonte: A autoria de uma aluna de sete anos.

É mostrada na Figura 07 a passagem em que os ladrões fogem pela porta da frente enquanto os animais adentram pela parte de trás da casa. Na Figura 08 se percebe o ambiente interno da casa, e os locais onde se encontram o burro, o cachorro e o gato. Apenas o galo está em um poleiro na parte externa, o que nos sugere que para a aluna que fez o desenho, o galo, quando canta para acordar as pessoas, não o faz dentro de casa. Na Figura 09 está representada a cena em que os animais avistam uma luz na casa. Somente o gato e o galo estão em cima da árvore porque o burro e o cachorro são animais que não sobem em árvores. Na sequência da aula fizemos o seguinte questionamento às turmas: “QUE FINAL VOCÊ DARIA AO CONTO?”. O **Segundo Ano A** forneceu estas respostas: a) “Que os donos dos animais procurassem de novo os animais para poder voltar a sua casa e os donos nunca mais maltratar os animais” e b) “Eu botava os donos do burro, do cachorro, do gato e do galo para não matar eles e ficar feliz”. O **Segundo Ano B** disse: “O burro, o cachorro, o gato e o galo poderia ter ido para Bremen ser músicos famosos porque a casa não era deles era dos ladrões”. Chama a atenção esse final sugerido pelo **Segundo Ano B** porque nos aponta para a noção de que os heróis ou os personagens que sofrem nos contos não devem assumir o papel de vilões. Entenda-se, se por um lado os animais tomaram a casa dos ladrões e lá ficaram morando, de certa forma eles a roubaram dos bandidos; por outro, ao terem ficado, a turma entendeu que eles não foram à busca de seus objetivos: ser músicos em Bremen.

3.2 A contação do conto pelos alunos

A última etapa deste momento de leitura por prazer e satisfação foi a contação da história pelos alunos. Transcrevemos apenas duas delas porque estas resumem a maneira como os discentes (re)contaram o conto:

Primeira contação de *Os Músicos de Bremen*: aluno do **Segundo Ano B**:

Meu nome é **XXXX**, tenho 7 anos, vou contar um pedaço da história dos *Músicos de Bremen*. Um burro resolveu fugir do sítio dele. Ele encontrou um cachorro. Ele disse: “eu já levei muitas pauladas de minha dona”. Eles foram caminhando e acharam o gato, aí o gato disse: “a minha dona ia me matando afogado na lagoa”. Eles foram caminhando... aí acharam um galo... aí ele disse: “por quê você está cantando?”, “Porque hoje é dia de festa, a minha dona vai me matar”, aí eles foram caminhando... caminhando... aí o gato subiu no pé de planta mais o galo... aí viram a luz... aí eles foram lá... aí viram uma casa... aí o burro é mais alto subiu na janela e disse: “o que você...” e o galo disse: “o que você ta vendo aí burro?” Aí de novo... “o que você ta vendo aí burro?”, “Eu tô vendo uma mesa cheia de cálice vermelho com um bando de ladrão”... aí o cachorro subiu em cima do burro, o gato subiu em cima do cachorro e o galo subiu em cima do gato... aí o burro rinchava, o cachorro latia, o gato miava e o galo cantava... aí os ladrão correram cum medo...

Segunda contação de *Os Músicos de Bremen*: aluna do **Segundo Ano B**:

Meu nome é **YYYY** eu tenho 7 anos vou contar um pouco da historia dos Músicos de Bremen. Eu lembro de uma parte que é assim: o burro, o cachorro, o gato o e galo estavam caminhando, aí eles já estavam já morrendo de cansados por ter passado muito tempo andando, aí eles foram, entraram numa floresta. Aí eles pegaram se encostaram numa árvore e dormiram. O galo e o gato subiram numa árvore. Não muito longe eles viram uma luizinha ligada aí eles acordou, o cachorro e o burro. E o burro disse: “então se é assim, vamos continuar”. Andaram... andaram... quando chegaram na casa muito bem iluminada, o burro olhou pela janela e o galo disse: “o que tu estás vendo burro?” “O que tu estás vendo?”, o burro disse: “Estou vendo uma mesa com doces, pratos muito bem feitos e um grande número de ladrão em volta”. O galo disse: “É o que estamos precisando”, aí todos três começaram a estudar como eles ia conseguir pegar aquela comida para comer. Estudaram... estudaram... e estudaram o caso. Aí o burro colocou as patas na janela, o cachorro subiu em cima do burro, o gato subiu no cachorro e o galo subiu em cima do gato e todos os quatro começou a cantar. Tudo ao mesmo tempo, aí os bandidos saíram correndo, pensando que era um rebanho de alma de outro mundo, aí os quatro entraram dentro da casa e comeram toda comida. Todo mundo já tinha comido toda comida... com um tempo e já muito cansados e sem ter comida, foram dormir. Cada um procurou seu canto para dormir. O burro dormiu em cima da palha, o cachorro se acolheu por detrás da porta, o gato sentou em cima de lenha e o galo subiu em cima da casa e ficou lá. Lá por meia noite o ladrão porque um dos chefes da quadrilha de ladrão mandou ele ir lá. Aí quando ele entrou, ele ia acender o fogo, pensando que era brasa, assoprou o olho do gato, aí o gato arranhou o rosto dele. Na hora que ele ia sair pela porta do fundo, lá estava o cachorro. O cachorro deu uma mordida na perna e ele saiu correndo. Aí na hora que ele saiu correndo, o burro pegou deu um par de coice nele. Ele saiu, e saiu correndo pro lado da floresta, ele levou uma paulada do galo que fez co-có-ri-có. Quando ele chegou lá ele disse assim: “Nem por todo dinheiro do mundo eu coloco os pés naquela casa”. É essa a parte que eu sei.

Enquanto a história contada pelo aluno de sete anos apresenta, de forma resumida, os momentos principais do conto, a que foi contada pela aluna, também com sete anos de idade, sugere a presença de um espaço e de um tempo narrativo nos quais as ações dos personagens são desencadeadas. O momento de contação de *Os Músicos de Bremen* foi bastante

significativo porque notamos como os alunos estavam felizes com a possibilidade não só de contar a história, mas também experimentar as emoções dos personagens.

4 A proposta do livro didático

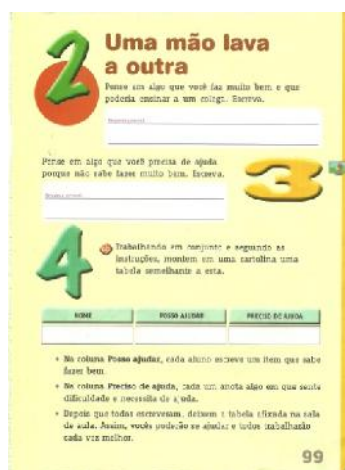
Embora se tenha nos dias atuais diversas formas e suportes para se trabalhar o aprendizado da Língua Portuguesa e da literatura em sala de aula, o Livro Didático (LD) ainda é um instrumento específico no ensino e na aprendizagem formal. Nele se tem, dentre outras, várias atividades escolares e sugestões de leituras literárias, embora algumas destas sejam perpassadas pela noção de que no texto literário se pode abordar o aprendizado de conteúdos gramaticais e/ou instrucionais, etc. No livro **Projeto Prosa Letramento e Alfabetização** (2011) é apresentada uma abordagem com o conto *Os músicos de Bremen*. A versão sugerida para a leitura, tanto para o professor quanto para os alunos, nos parece ter sido adaptada para alcançar os objetivos das atividades propostas, Figuras 10, 11 e 12, e não exatamente para uma leitura por prazer e deleite. Algumas mudanças de foco na história nos fizeram preferir a versão de Lobato (2002) à fornecida no livro. Assim sendo, após o momento descrito anteriormente de leitura com o conto na versão lobatiana, apresentamos aos discentes algumas questões do livro. Eles forneceram respostas muito significativas. Observemos:

Figura 10 – União



Fonte: Prado e Hulle (2011, p. 98)

Figura 11 – Ajuda



Fonte: Prado e Hulle (2011, p. 99)

Figura 12 – Conto



Fonte: Prado e Hulle (2011, p. 86⁵)

⁵ Esta página se refere à paginação da parte destinada ao professor, do “Manual do Professor”.

4.1 Repostas dos alunos às questões do livro

“O que os animais perceberam quando se uniram?”

Aluno A1: “Que era a força da amizade que ajudava”.

Aluna A2: “Perceberam que juntos são fortes”.

Aluna B2: “Juntos tinham mais força, que seus dono queriam matá-los”.

Aluno B1: “Ficaram mais corajosos”.

Aluna B4: “Que juntos tinham mais força”.

“Na sua opinião, as pessoas conseguem melhores resultados quando trabalham em equipe? Por quê?”

Aluna A4: “Bom, porque quando o outro não sabe fazer alguma, o outro pode ajudá-lo”.

Aluno A5: “Bom, porque o outro sabendo pode ajudar o outro sem saber”.

Aluno A7: “Sim porque eu gosto de ajudar o outro”.

Aluna B2 e Alunos B1 e B2: “Sim, porque um ajuda o outro”.

Aluna B4: “Sim, porque quem sabe ajuda quem não sabe”.

Aluna B3: “Sim, porque termina mais rápido”.

“Pense em algo que você sabe muito bem e que gostaria de ajudar o colega”

Alunos A6 e A8 e Aluna A3: “Ler”.

Aluna A2: “A terminar as tarefas e a ler o alfabeto”.

Aluno A7: “A fazer a tarefa”.

Alunas A4 e A5: “A escrever”.

Aluna A3: “A fazer o alfabeto”.

Aluno B1 e B2: “Desenhar, escrever e pintar”.

Aluno B3: “Recortar e escrever”.

Aluna B2: “Ler”.

Aluna B5: “Escrever”.

Aluna B4: “Pintar, recortar e colar”

Aluna B6: “Pintar, recortar e escrever”

Aluno B7: “Colar”.

“Pense em algo que você precisa de ajuda porque não sabe fazer muito bem. Escreva”.

Aluna A3 e A5: “A ler mais”.

Aluna A2: “Um pouco mais a ler”.

Alunos e Alunas A e B: “Aprender a ler”; “pintar”; “ler e escrever”; “ler”.

Todas as respostas dos discentes remetem ao universo da aprendizagem escolar, às suas necessidades imediatas de aquisição da escrita, leitura, pintura e colagem. Os questionamentos propostos pelo livro nos foram importantes porque através deles os alunos socializaram e compartilharam suas dificuldades. A atividade proposta por Prado e Hulle (2011, p. 99):

Trabalhando em conjunto e seguindo as instruções, montem em uma cartolina uma tabela semelhante a esta.

NOME	POSSO AJUDAR	PRECISO DE AJUDA
------	--------------	------------------

possibilitou que os alunos tomassem consciência que poderiam auxiliar uns aos outros em suas dificuldades nas atividades em sala de aula. O conto lhes ofertou os universos da união e do companheirismo como uma porta de acesso para a superação das dificuldades pessoais.

Considerações finais

Percebemos, com a leitura de *Os Músicos de Bremen* nas duas turmas do Segundo Ano, que a leitura em sala de aula quando é feita pelos caminhos que priorizam o objeto estético da obra literária possibilita que os leitores/ouvintes adentrem na história e compartilhem das emoções dos personagens. Mais ainda, eles confrontam as situações narradas/descritas com as suas experiências de vida. Assim sendo, os alunos dialogaram com o conto lido e tomaram para si a defesa dos animais que sofriam com os maus-tratos de seus donos. Eles assumiram uma postura de um leitor ativo e crítico diante da obra. No que se refere à ponte que fizemos com a proposta do livro didático, observamos que este pode fornecer boas sugestões para o tratamento com a leitura literária, mas que, no entanto, é preciso cautela na aplicação delas e observar atentamente o texto que ele traz para ser lido em sala de aula com os discentes. No caso de *Os Músicos de Bremen*, a versão do conto no livro sofreu alterações que, a nosso ver, prejudicam uma leitura por deleite, uma vez que é apontado no livro um caminho de entendimento e uma direção de pensamento. Como pudemos notar a leitura no texto original, traduzido por Monteiro Lobato, possibilitou que o conto fosse recebido pelas turmas de formas diferentes. Os alunos viajaram na história.

Referências

AGUIAR, Vera Teixeira de e BORDINI, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. 7. ed. São Paulo: 2000.

GRIMM, Jacob. **Contos de Grimm**. Tradução de Monteiro Lobato. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2002.

ISER, Wolfgang. **O ato de leitura**: uma teoria do efeito estético. Tradução de Johanes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996. Vol. 1.

JAUSS, Hans Robert. **A história da literatura como provocação à teoria literária**. São Paulo: Ática, 1994.

LIMA, Luiz Costa. **A literatura e o leitor**: textos da estética da recepção. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PALO, Maria José e OLIVEIRA, Maria Rosa. D. **Literatura infantil**: voz de criança. São Paulo: Ática, 1986.

PRADO, Angélica e HULLE, Cristina. **Projeto Prosa Letramento e Alfabetização**: 2º ano, ensino fundamental. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2011.

ZILBERMAN, Regina. **Estética da Recepção e da História da Literatura**. São Paulo: Ática, 1989.